

# **Do Império Romano aos reinos bárbaros**

O ponto de vista dos textos

“Espíritos mal resignados ao destino devem ter imaginado que o governo de Odoacro, as realezas bárbaras da Gália, da Espanha, da África, ainda recentes e mal consolidadas, durariam pouco tempo. Em parte tinham razão, pois Justiniano quase realizou essas esperanças no século seguinte. Para nós, que conhecemos o que os contemporâneos não podiam prever, ou seja, o futuro, é possível estabelecer retrospectivamente o atestado de óbito do Império Romano no Ocidente e nós podemos estabelecer por verdadeira data o dia quatro de setembro de 476” (F. LOT, Ch. PFISTER, F.L. GANSHOF, **Les destinées de l’Empire en Occident de 395 à 888**, p. 99).

“Ao senhor insigne e magnífico pelos méritos, o rei Clóvis, Remígio bispo. Um grande rumor chegou até nós, vós assumistes a administração da Bélgica Segunda. Isso não é novo, pois tu terás começado por ser aquilo que teus pais sempre foram. É necessário fazer de modo que o julgamento de Deus continue a sustentá-lo, pois é em recompensa de tua humildade que ele fez com que tu chegasses ao ápice. Pois, como se diz vulgarmente, é pelos atos que se reconhece o homem. Tu deves buscar conselheiros que possam ornar tua fama. Teu benefício (*beneficium*) deve ser casto e honesto. Tu deverás relatar aos teus bispos e recorrer sempre às suas deliberações. Pois se tu te entendes bem com eles, tua província somente poderá ser consolidada. Anime teus cidadãos, alivie os aflitos, favoreça as viúvas, alimente os órfãos; mais do que iluminá-los, que todos o amem e o respeitem. Que a justiça saia de vossa boca sem nada esperar dos pobres e dos estrangeiros a fim de que não queiras de forma alguma aceitar presentes ou qualquer coisa da parte deles. Que teu pretório esteja aberto a todos a fim de que ninguém regresse triste. Tu possuis algumas riquezas paternas com as quais libertarás os prisioneiros, desligando-os do jugo da servidão. Se alguém é admitido em vossa presença, que ele não se sinta como um estrangeiro. Brinque com os jovens, delibere com os anciãos, e se queres reinar, julgue em nobre”  
[“Domino insigni et meritis magnifico, Hlodoveo Regi, Remegius Episcopus. Rumor ad nos magnum pervenit, administrationem vos Secundum Belgice suscepisse...”]  
(*Epistolae Austrasicae*, 2, MGH).

Após esses eventos, com a morte de Childerico, Clóvis, seu filho, reinou em seu lugar. No quinto ano de seu reinado, Syagrius, rei dos romanos (*Romanorum rex*), filho de Egidius, vivia na cidade de Soissons, que o próprio Egidius utilizava como sede. Clóvis marchou contra ele juntamente com Ragnecharius, um parente seu – porque esse último também tinha um reino – e convidou [seu adversário] a preparar o campo de batalha. Esse último não recusou e não teve medo de resistir. Em seguida, enquanto combatiam, Syagrius, vendo seu exército esmagado, retornou-se e correu rapidamente ao encontro do rei Alarico em Toulouse. Entretanto, Clóvis mandou dizer a Alarico que era necessário entregar Syagrius, senão a guerra lhe seria declarada. [Alarico] temeroso de incorrer na ira dos francos, pois é costume dos godos ter medo, livrou-o acorrentado aos legados [de Clóvis]. Quando Clóvis recebeu Syagrius, ordenou que ele fosse colocado sob boa custódia e, após ter tomado posse de seu reino, deu a ordem para que fosse secretamente assassinado (Gregório de Tours, *Histórias* II, 27).

Em seguida, (Clóvis) recebeu do imperador Anastácio o codicílio do consulado. Tendo revestido na basílica do bem-aventurado Martinho uma túnica púrpura e o manto, colocou sobre sua cabeça um diadema. Em seguida, montou a cavalo e distribuiu ouro e prata de suas próprias mãos com uma grande generosidade no caminho entre a porta do vestíbulo [da basílica] e a igreja da cidade às pessoas que estavam presentes... (Gregório de Tours, *Histórias* II, 38).

Em seguida, quando já tinha matado outros reis e próximos parentes de que desconfiava, pois temia que tomassem o seu reino, estendeu o mesmo através de todas as Gálias. Contam que, tendo reunido os seus uma vez, expressou-se da seguinte forma em relação aos parentes que ele próprio havia matado: “Infeliz de mim que permanece como um peregrino no meio de estrangeiros e que não tem mais parentes para me ajudar em caso de dificuldade”. Mas não foi por aflição pela morte deles que ele disse isso, mas para saber se por acaso ele poderia descobrir a existência de outros para poder matar (Gregório de Tours, *Histórias* II, 38).

Zenon, isauriano de nascimento, genro do imperador Leão, reinou 17 anos. Quando ele residia com felicidade em Calcedônia, a Augusta Verona, sua sogra, elevou ao trono imperial Basiliscus, que ela fez vir como Augusto na cidade [Constantinopla]. Ao saber disso em Calcedônia, Zenon retirou-se em Isáuria sem prejuízo para o Estado, preferindo exilar-se com a Augusta Ariadne do que ser a causa, pelas guerras civis, de algum dano para o Estado. Ao saber da fuga de Zenon, Basilisco fez César o seu filho Marcus. Inflado pela heresia nestoriana, ele tentou imediatamente vários atos contra a Igreja, mas pela vontade de Deus explodiu por ter inflado tanto antes de ter podido fazer penitência; pois, ao reaver sua dignidade real, Zenon exilou-o, com seu pai e sua mãe, em Lemnos, província da Capadócia: foi lá que, por ter deixado esfriar a caridade em relação a Deus e ao próximo, morreram de frio e perderam a vida ao mesmo tempo que o reino. Na Hespéria, Orestes, tendo expulsado o imperador Nepos, elevou ao trono imperial seu filho [Romulus] Augustulus. Porém, pouco depois, Odoacro, rúgio de nascimento, apoiado por bandos de turcílingos, de ciros e de hérulos, invadiu a Itália, depôs o imperador Augustulus e condenou-o ao exílio, em Luculano, na Campânia. Foi assim que o Império ocidental e o Principado do povo romano, que o primeiro dos augustos, Otaviano Augusto, tinha começado a dirigir no ano setecentos e nove da fundação da cidade de Roma, desapareceram com este Augustulus no ano quinhentos e vinte e dois [476 d.C.] do reinado dos seus antecessores imperadores. A cidade de Roma foi, em seguida, governada pelos godos [Jordanes. *Romana et Getica*-55].

Quando Augustus, o filho do Orestes, soube que Zenon tinha destronado Basilisco e recuperado a soberania do Leste, obrigou o senado a enviar a Zenon uma embaixada para dizer que não havia necessidade de um governo dividido e que um mesmo imperador seria suficiente para ambos os territórios. Disse, ademais, que eles tinham escolhido Odoacro, um homem do exército e político experiente, para salvaguardar seus próprios negócios e que Zenon deveria conferir a Odoacro o grau de Patrício e confiar a ele o governo do Itália. Representantes do Senado romano chegaram a Bizâncio trazendo essas propostas. Durante esses mesmos dias, enviados de Nepos vieram felicitar Zenon pelos acontecimentos e pedir seu apoio a Nepos, que tinha sofrido infortúnios semelhantes, para a recuperação do seu trono; pediram dinheiro, um exército e outras formas de ajuda para que ele efetuasse seu retorno. Nepos tinha enviado os homens para que dissessem essas coisas. Àqueles que tinham vindo do Senado, Zenon deu a seguinte resposta: eles tinham recebido dois imperadores do leste: um que haviam expulsado [Júlio Nepos], e outro, Anthemius, que tinham matado.

Agora, disse, eles sabiam o que deviam fazer: se o seu imperador [Júlio Nepos] estivesse ainda vivo, não deveriam ter outro pensamento senão acolhê-lo em seu retorno. Aos representantes do bárbaro, respondeu que seria melhor que Odoacro tivesse recebido o patriciado do Imperador Nepos, embora ele pudesse conferir-lhe [o título] se Nepos não já o tivesse feito. Zenon acrescentou que felicitava Odoacro, conservando o pedido de um governo apropriado para os romanos. Também disse que estava certo de que Odoacro, se agisse justamente, iria receber de volta o imperador que ele tinha honrado de maneira conveniente. Zenon deu seu apoio a Nepos, pois compadeceu-se das dificuldades que atravessava por causa dos seus, e porque o imperador tem como princípio que aqueles que estão em boa posição devem simpatizar com seus iguais quando de um infortúnio. Ao mesmo tempo, Verina também associou-se às recomendações de Zenon, pois apoiava a esposa de Nepos, que era de sua família (Malchus de Philadelphia, **Fragmenta**, 10).

Entrando em Ravena, Odoacro depôs Augustulus, mas deixou-lhe a vida salva, pois compadeceu-se de sua infância; porque ele era gracioso, deu-lhe uma renda de seis mil sólidos e mandou-o viver na Campânia com seus parentes”. (Anonymus Valesianus, parte II, VIII, 38, ed. Th. Mommsen, ***Chronica Minora. Monumenta Germaniae Historica***).

Cônsules Basiliscus e Armatus. Sob esses cônsules, Odoacro é elevado a rei (C. Basilisco et Armato. His Consulibus levatus est Odovacer rex). [MÁRIO de Avenches. **La Chronique de Marius d'Avenches (455-481)**. Texto, tradução e comentário, J. Favrod. Lausanne: Université de Lausanne, 1991, p. 66].

É agradável relatar de que maneira, consignando os terços (*tertia*), [Liberius\*] uniu as possessões dos godos e dos romanos, da mesma forma que os seus corações. Habitualmente, a vizinhança provoca choques entre os homens, mas eis que ele conseguiu fazer nascer a concórdia da comunidade dos bens fundiários! Vivendo em comum, as duas nações vieram a adquirir uma vontade comum. Fato novo, digno de todos os elogios, a união dos mestres resulta da divisão do solo! O prejuízo amplia a inimizade! Ao abandonarmos uma porção do domínio, obtemos um defensor que assegura a inteira segurança de tudo. Uma e outra partes são reunidas sob uma mesma lei, numa ordem justa. É necessário que os sentimentos amáveis floresçam entre aqueles que guardam juntos as fronteiras comuns. É a Liberius que o Estado Romano deve a sua tranquilidade, transmitindo a nações tão ilustres a preocupação do amor recíproco (Carta do Rei Teodorico ao Senado da Cidade de Roma, 507-511).

Nobilíssima Augusta, chegou, com a ajuda do Cristo, este tempo esperado no qual meu filho, o glorioso rei Childeberto, que é, ao mesmo tempo, admirador amante de vosso império, atingiu a idade que lhe permite tratar de maneira feliz com o piedoso imperador, vosso esposo, os assuntos que interessam à salvação de nossos dois povos, por intermediário de embaixadores; o que é mais útil ainda, a idade cheia de vigor permite-lhe agir mais firmemente e em pessoa, com a ajuda de Deus, conforme vossos desejos. É por isso, como lhe disseram os portadores destas cartas, que são vossos admiradores e nossos fiéis, que algo foi iniciado por nós e, se o Cristo nos der a sua ajuda, o que é tão útil aos verdadeiros povos católicos, esperamos que o resultado responderá a este bom início. Posto que, muito pacífica Augusta, a infelicidade quis que meu neto conhecesse desde sua infância o exílio, e que seus tenros anos começaram pelo seu cativeiro, peço-vos uma graça em nome do Redentor de todos os povos.

Da mesma forma que vós não quereis que vosso pientíssimo Teodósio lhe seja tomado, nem que este doce filho seja arrancado aos beijos da sua mãe, da mesma forma que sua presença alegra sempre vossos olhos e que vossas entranhas de mãe se alegram desta augusta criança, eu vos peço então, com a ajuda do Cristo, que me devolva este neto que é meu, de maneira que se apascente em seus beijos um coração que suspira de dor por causa de sua ausência, de maneira que, após ter perdido a minha filha, eu não perca o doce penhor que dela me resta, de maneira que, em minha dor pela morte de minha criança, seja eu aliviada graças a vós pelo retorno de meu neto cativo. De forma que, se tendes compaixão de uma mulher aflita e de uma criança inocente, Deus, o libertador universal, vos dará a coroa da glória por ter libertado este cativo. Desta forma, também entre os nossos povos, com a ajuda do Cristo, a caridade aumentará e a paz será prologada [Carta de Brunilda à imperatriz Anastácia (585), MGH, Epistolae, 3, Epistolae Merowingici et Karolini Aevi, III, Epistolae Austrasicae, 44].



